

Riobaldo: narrador-personagem de uma narrativa dominada pela modernização

Daniele dos Santos Rosa

Riobaldo: narrador-personagem de uma narrativa dominada pela modernização

Daniele dos Santos Rosa

Resumo: A literatura brasileira fundamenta-se pela contradição entre sua formação arcaica e o desejo de cosmopolitismo. Diante disso, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, não poderia se esquivar de tão importante questão: o processo modernizador brasileiro em confronto com a constituição do sertão. Nesse aspecto, são as características de seu narrador, Riobaldo, que tratarão, em sua própria forma, dessa problematização inerente: a permanência do arcaico diante do mais moderno.

Palavras-chave: Modernização, Arcaico, Narrador, Riobaldo, Nação.

Abstract: Brazilian literature is based on the contradiction between its archaic development and its desire to be cosmopolitan. *Grande sertão: veredas*, by Guimarães Rosa, could not dodge such an important issue: the process of modernizing Brazil while facing the existence of the backlands. In this respect, the characteristics of the narrator, Riobaldo, in their own way, deal with this inherent problem: the permanency of the archaic in the face of the contemporary.

Keywords: Modernization, Archaic, Narrator, Riobaldo, Nation.

O processo modernizador brasileiro constrói-se por meio da própria peculiaridade de formação da nação, que se estabelece como resultado de um processo exploratório de colonização e de dominação dos modos de produção. Nesse sentido, é importante delimitar como se transfigurou esse processo nas narrativas de Guimarães Rosa, na tentativa de traçar esse eixo que liga a forma literária e o mundo.

Assim, é possível caracterizar *Grande sertão: veredas* como uma narrativa da modernização do país. Escrito em um peculiar período histórico, seu tempo narrado compreende desde o fim do Segundo Reinado até meados de 1930, momentos decisivos para a história de formação da nação brasileira. O narrador Riobaldo, a partir de uma perspectiva diferenciada, participa ativamente do próprio projeto modernizador em expansão no Brasil. Devido a isso, esse narrador representa uma posição social importante, a qual permite a tentativa de equação das diversas forças que atuaram na consolidação do capitalismo no país a partir e sob as condições arcaicas de relações sociais e modos de produção.

Nesse sentido, este artigo destina-se a refletir sobre a atuação desse narrador-protagonista na qualidade de agente e participante de um processo de transformação social em evidência nas décadas de 1930 e 1950, no Brasil.

Diante disso, é importante salientar que a história narrada em *Grande sertão: veredas* gira em torno de seu narrador, o qual, como narrador-personagem, domina todo o processo narrativo por meio do contar fatos retirados da memória — em um momento posterior —, sob uma perspectiva reflexiva e, muitas vezes, culpada.

A culpa, para o narrador Riobaldo, parece ser um dos motivos que o leva a narrar, e esse ato narrativo torna-se a forma de compreensão do mundo e de suas ações. Aflito, Riobaldo se responsabiliza pela morte de Diadorim como uma decorrência direta de seu pacto. A necessidade de provar a inexistência do diabo torna-se fundamental para Riobaldo durante sua narração, pois essa comprovação resultaria para ele em alívio e ausência de culpa.

Riobaldo sofre um “sentimento de culpa difuso, incluindo a morte de Diadorim ou o arrependimento pelo pacto com o Diabo” (GALVÃO, 2001, p. 248), indicando essa ausência de contornos definidos a compreensão e o reconhecimento das consequências de seus atos. Isso se dá pelo processo reflexivo e narrativo de sua vida, principalmente pelo fato de ele ser jagunço. Assim, esse sentimento liga-se a suas ações pessoais, mas, por pertencerem a um mundo restrito e particular, diz respeito também às próprias ações no sistema jagunço e nas relações estabelecidas na região sertaneja.

Esse sentimento de culpa, em sua relação direta com a ação jagunça, transforma-se em uma consciência penosa da realidade sofrida no mundo sertanejo:

O senhor sabe: tanta pobreza geral, gente no duro ou no desânimo. Pobre tem de ter um triste amor à honestidade. São árvores que pegam poeira. A gente às vezes ia por aí, os cem, duzentos companheiros a cavalo, tinindo e musicando de tão armados – e, vai, um sujeito magro, amarelado, saía de algum canto, e vinha, espremendo seu medo, farraposo: com um vintém azinhavrado no concho da mão, o homem queria comprar um punhado de mantimento; aquele era casado, pai de família faminta. Coisas sem continuação [...] (ROSA, 2006, p. 72)

Essa percepção de Riobaldo das mazelas no sertão, que afligem o povo e os próprios jagunços, indica formas estruturais que fundamentam a vida sertaneja em suas bases e, por isso, estão ligadas diretamente à vida de Riobaldo, desde que se inseriu na condição jagunça até o momento em que ascendeu socialmente.

E é esse sentimento, o qual o invade, que promove a narração, pois é ele que o fundamenta e o ordena, no sentido em que limita seus próprios processos constitutivos, como pode ser percebido na citação a seguir, na qual Riobaldo refaz uma afirmativa sobre a vida jagunça: “Alegria de jagunço é o movimento galopado. *Alegria! Eu disse?*”

Alegria! Eu disse? Ah, não, eu não. O senhor de repente rebata essa palavra, devolvida, de volta para os portos da minha boca [...]” (ROSA, 2006, p. 515, grifo nosso).

É, portanto, uma percepção da ação pessoal, mas que conduz a uma reflexão do mundo, sendo este como constituído por forças sociais intimamente ligadas às relações humanas de poder. Nesse sentido, a ação narrativa, “como experiência humana transmitida pela mediação simbólica da literatura” (ABDALA Jr., 2001, p. 164), torna-se também uma relação de poder, baseada na própria fundamentação do narrador e do controle que assume do fato narrado.

O papel do narrador – dentro do romance como gênero literário que descreve, por excelência, a consciência do homem – consistirá em compor o texto a partir de seu ponto de vista, cujos cortes e seleções serão seus instrumentos. Cabe ao narrador criar a sugestão da totalidade e da verossimilhança, mesmo que a narração seja o resultado de uma parcialização ou de um entendimento do relato. Dessa forma, pertence ao narrador, além da forma de exposição de seu ponto de vista, a escolha do espaço de distanciamento dos acontecimentos e da narração, como também a escolha do narrador em relação aos fatos da história e aos personagens.

O narrador é a fala de uma época, em que o autor pode ou não projetar sobre ele atitudes ideológicas, éticas e culturais. Entretanto, esse ente não possui somente sua voz própria, mas todos os enunciados da narrativa são sua voz conjugada com a dos personagens e, por isso, ao narrar, seu tom suspende os ranços da contemporaneidade, buscando homogeneizar a diversidade temporal, a qual permanece sob o viés da relação dialética que se manifesta no conflito entre aquele que viveu os acontecimentos e aquele que os narra, sem a eliminação de um ou de outro. Assim, o narrador é o vínculo entre a realidade exterior, o autor e o texto, pois o tema já é em si social e, por isso, o narrador está subordinado e é instrumento da narrativa que ao mesmo tempo o domina e controla.

Por essa forma, toda a narração da grande luta de importantes jagunços nos sertões mineiro e baiano chega ao leitor por intermédio de seu narrador que, em tempos anteriores, viveu esses fatos e, anos depois, narra suas travessias, sua vivência e sua perspectiva pessoal dessa trajetória no processo histórico de profundos acontecimentos e mudanças.

Como mediador de toda uma história da nação, o relato das travessias e dos amores de Riobaldo representa em si as estruturas de uma formulação social, pois carrega em sua construção os mesmos processos das forças de trabalho, uma vez que,

na forma como Riobaldo narra ao seu ouvinte da cidade sua vida de jagunço, há trabalho. Há trabalho narrativo que se constitui por meio de estruturas hierárquicas e constitutivas, fundamentadas nas próprias bases da sociedade, transfiguradas pela ação do escritor.

Essa relação que se estabelece entre o trabalho como “condição de existência humana [...] necessidade natural [...] que medeia o metabolismo entre homem e natureza e, portanto, a própria vida humana” (BOTTOMORE, 2001, p. 46) — e o ato narrativo revela-se, na própria literatura, por meio de dois aspectos: o primeiro diz respeito à ação estética, ao trabalho do escritor, que se materializa no autoquestionamento da obra; no segundo, como consequência do primeiro, o narrador-personagem carrega em si as consequências dessa mesma relação.

Em Riobaldo, a narração, ou seja, o trabalho literário torna-se necessário como compreensão do mundo. Por isso, Riobaldo, diferentemente dos outros jagunços, cultiva a literatura e vê nas obras formas de aprendizagem que possibilitaram a ele apreender melhor sua realidade, o mesmo ocorrendo em sua necessidade de narração:

Mas o dono do sítio, que não sabia ler nem escrever, assim mesmo possuía um livro, capeado em couro, que se chamava o “*Senclér das Ilhas*”, e que pedi para deletrear nos meus descansos. Foi o primeiro desses que encontrei, de romance, porque antes eu só tinha conhecido livros de estudo. *Nele achei outras verdades, muito extraordinárias.* (ROSA, 2006, p. 380, grifo nosso)

Assim, o trabalho narrativo como condição da existência humana, ao mesmo tempo em que se aproxima da ação do homem diante da natureza, como qualquer outro trabalho, distancia-se dele por carregar em si elementos que se diferenciam das relações então vigentes no mundo sertanejo. Se o trabalho de jagunço como um inútil utilizado¹ carrega consigo as estruturas exploratórias do sertão e impossibilita, muitas vezes, a percepção real dessas bases, a literatura mostra-se como possibilidade de compreensão dessas estruturas, manifestada no trabalho estético do autor.

Esse fato, inovador na forma narrativa nacional, implica questões importantes, pois a ausência dessa outra voz garante ao narrador a instauração do processo narrativo. Sua posição formal está entre o diálogo e o monólogo, o que assegura ao narrador domínio total do que é e de como será narrado. Esse domínio torna-se, em alguns poucos momentos, mais tênue, principalmente nas situações em que a voz narrativa parece responder a algo que lhe foi perguntado. No entanto, a fluência entre uma conversa e um discurso logo se restabelece e é o ponto de vista do narrador que fundamenta todo o contar.

Nesse sentido, é possível ver em Riobaldo mais do que um indivíduo participante de uma conversa. Ele pode ser reconhecido como narrador pleno, mas também como um “autor” que narra a história de sua vida, conforme salienta Hazin, já que ele “cria seu texto dentro de um outro, criado por um outro autor”. (HAZIN, 1994, p. 24).

A vida de Riobaldo e as relações do mundo sertanejo serão narradas por ele mesmo, sob sua perspectiva, agora mais velho e mais experiente, cuja narração passa pela “*objetivação*”, pois, sendo construída dentro de um espaço social, possui regras comunicativas a serem seguidas e, devido ao seu caráter de exemplaridade, torna-se um “fluxo retórico peculiar” (SCHWARZ, 1981, p.39). A narração sem pausas e em continuidade dá a esse monólogo dialógico um caráter fluido, com aspectos de espontaneidade, porém sua base fundamenta-se também na necessidade de bem argumentar, de que, com suas palavras, seja possível controlar seu contar:

[...] de tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servir para quê? Quero é armar o ponto de um ato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço. (ROSA, 2006, p. 216)

Portanto, o ponto de vista do narrador manifesta-se na sua necessidade de indagar. Ao contar sobre sua vida e ao articular pensamentos e fatos, tenta entender todo o processo que o levou de menino pobre a enteado de grande fazendeiro e, posteriormente, levou-o a jagunço raso, até se tornar chefe e senhor de terras e homens e, mais importante, ter pactuado com o diabo ou não, e como tudo isso se relaciona com a morte de Diadorim. Nesse aspecto, o domínio da narrativa se estabelece com mais vigor, devido à necessidade de compreensão dos fatos vividos, permeados estes de uma culpa e de uma impossibilidade de retorno. Assim, como indica Galvão, ao tratar do narrador de *Grande sertão: veredas*:

Tem-se por bom narrador, capaz de avaliar a exata importância de cada passo que relata. Em seu critério, uma boa narração deve dar conta do peso diverso que cada passagem da vida tem; assim, o que importa narrar com pormenor e detidamente é aquilo que foi relevante como experiência. (GALVÃO, 1986, p. 54)

Nesse sentido, a forma narrativa de Riobaldo também se condiciona à sua forma de ver e de pensar o mundo. O retorno ao passado, ao tempo em que era jagunço, dá-se a partir de uma perspectiva atual, de fazendeiro, de “homem particular”, como se intitula o próprio Riobaldo. Devido a isso, “o miolo nutritivo do romance é a personalidade do narrador” (CORPAS, 2006, p. 102), pois é por meio dele

que o sertão do enunciado se mostrará como parte ou reflexo de sua maneira de atuar no presente.

Em suas características mais peculiares, a forma narrativa revela também sua vinculação à forma de ver o mundo de Riobaldo fazendeiro e, por isso, narrador. Como jagunço, segundo sua própria descrição, Riobaldo não pensava. Sentia-se diferente de todos, mas não compreendia. Agora, deitado em sua rede, possibilitado por suas posses, vive a “pensar idéia”, a refletir sobre sua vida. É essa necessidade que o leva a contar a história de sua vida a um estranho, obrigá-lo a uma visita de três dias para que tudo seja narrado e, ainda, intimá-lo a responder a seus questionamentos. A transfiguração disso manifesta-se na própria reiteração e repetição constante na narrativa, na negação que inverte suas afirmações, enfim, na narração de quem está a indagar a si e ao mundo.

Da mesma maneira que a sua forma narrativa está imbricada com sua forma de viver, Riobaldo também pode narrar graças à sua situação atual, de fazendeiro e homem de posses. E sua narração mostra-se construída em forma de mosaico em que suas experiências vividas e ouvidas se mesclam no relato da vida no sertão, que são interpretações, que, sendo de seres sociais e atuantes, tornam-se “um modo de consciência histórica e das coisas” (SCHWARZ, 1981, p. 44).

Portanto, Riobaldo demonstra ser marcante narrador de nossa literatura, pois empreende narrativa de cunho biográfico, cujo limite alcançável é pensar, por meio de suas experiências, o “homem humano”. Seu domínio da narrativa não é em vão nem aleatório, mas é resultado de sua força retórica e diabólica que, além de recriar sua experiência, ainda indaga o mundo e transfigura-se em suas narrativas como se o dilaceramento do homem fosse o dilaceramento do mundo.

Riobaldo se encontra em um momento de transformação. O sertão modifica-se. As lutas sertanejas colocam-se como forças que se contrapõem ao poder central, que insistem em se apoderar. O sertão, então, insiste em se modernizar. No entanto, o momento não é de mudança, mas de permanência, não representando o narrador, em momento algum, mudança de perspectiva ou tentativa de revolução dos modos de produção. Seu envolvimento com as forças modernizadoras que invadem o sertão, segundo o modelo assumido por Zé Bebelo, é temporário; sua luta consiste em contrariar tais forças.

Por isso, Riobaldo, como narrador de processos modernizadores, participa desses movimentos e, em um tempo posterior, busca, juntamente com a compreensão de sua trajetória, o entendimento do que está em torno dele. Assim, Riobaldo, em

Grande Sertão : veredas, Riobaldo, a todo momento, defronta-se com sua condição subalterna de jagunço, com um povo oprimido e desfavorecido e com as muitas das impossibilidades de desenvolvimento do sertão. Enfim, como narrador, e narrador diabólico, sua vida e sua narrativa estão misturadas ao processo de todo um país em busca do desenvolvimento.

A ação de Riobaldo na narrativa, centrada nas tentativas de modernização do país, não empreende uma mudança nos modos de produção, mas na verdade põe em execução uma luta pela manutenção da ordem econômica e política no sertão, cujo resultado mais evidente é, ao final de sua travessia, tornar-se fazendeiro e valer-se do serviço de seus jagunços, como ocorrera com seu pai Selorico Mendes, com Joca Ramiro, Medeiro Vaz e tantos outros chefes e senhores de terras que dominaram econômica e politicamente o interior do Brasil desde o império até a implantação da República.

Esse movimento não está separado do processo modernizador implantado no Brasil. Na verdade, torna-se necessário à sua implantação, como pode ser bem percebido a partir da permanência de práticas como o coronelismo, o voto de cabresto e a chamada política do café com leite, em que se revezavam os eleitos mineiros e paulistas no poder. Todo esse movimento, o qual parece ser de retrocesso, o é. Na verdade faz parte e é, muitas vezes, necessário para a modernização tardia do Brasil.

Dessa maneira, a ascensão de Riobaldo, que luta e vence na nova área de investimentos, o Centro-Sul do país, é uma narrativa que encena a manutenção das estruturas sociais nos sertões mineiro e baiano, na qual Riobaldo elogia e reserva importantes lugares para os grandes senhores de terra, assim como para si, o grande chefe Urutú Branco.

De forma contraditória, aparecem a mudança e a permanência como movimentos atuantes e presentes na história brasileira que, em contradição dialética constante, fundamentam a narrativa e a atuação de Riobaldo como narrador protagonista, no sentido em que busca equacionar e possibilitar sínteses dessa importante constatação: a nossa condição como nação é de coexistência, em conflito constante, do mais arcaico com o mais moderno, resultando numa crise, abarcada e capturada em seu movimento pelos grandes escritores e pensadores do Brasil.

Referências

- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- CORPAS, Danielle dos Santos. *O jagunço somos nós: visões do Brasil na crítica de Grande sertão: veredas*. 2006. 270 f. (Doutorado em Teoria Literária) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Riobaldo, o homem das metamorfoses. In: MOTA, Lourenço Dantas; JUNIOR, Benjamin Abdala. (Org.). *Personae*. Grandes personagens da literatura brasileira. São Paulo: Senac, 2001.
- HAZIN, Elizabeth. A terceira travessia (uma leitura de *Grande sertão: veredas*). (*Pré*) *Publications*, n. 144, 1994.
- ABDALA Jr., Benjamin. O pio da coruja e as cercas de Paulo Honório. In: MOTA, Lourenço Dantas; JUNIOR, Benjamin Abdala. (Org.). *Personae*. Grandes personagens da literatura brasileira. São Paulo: Senac, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ROSA, Daniele dos Santos. *Literatura e nação: um estudo sobre S. Bernardo e Grande Sertão: veredas*. 2009. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Programa de Pós-Graduação em Literatura, 2009.
- SCHWARZ, Roberto. *A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

¹ Esse conceito formulado por Galvão diz respeito a uma camada social formada por agregados, que não se constitui como núcleo organizado de representação dos próprios interesses e, por isso, insere-se no sistema jagunço como força de luta, praticamente distante de qualquer consciência das razões ou estruturas que organizam os embates. Por não funcionar como elemento próprio da organização estatal e econômica, é inútil. No entanto, é esse caráter de distanciamento que o torna utilizável pelas formas de poder personalista. Ver: GALVÃO, W. N. *As formas do falso*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

Daniele dos Santos Rosa é Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, atuou no período de julho de 2008 a agosto de 2009 como professora substituta de Literatura Portuguesa nessa Instituição. Atualmente, realiza pesquisas junto ao grupo Literatura e Modernidade Periférica (vinculado ao CNPq), com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: formação da nação, sistema literário, crítica candiana, entre outros.